





LÊNÇÓIS MARANHENSES

*Deserto à Brasileira*

*A desert, brazilian way*



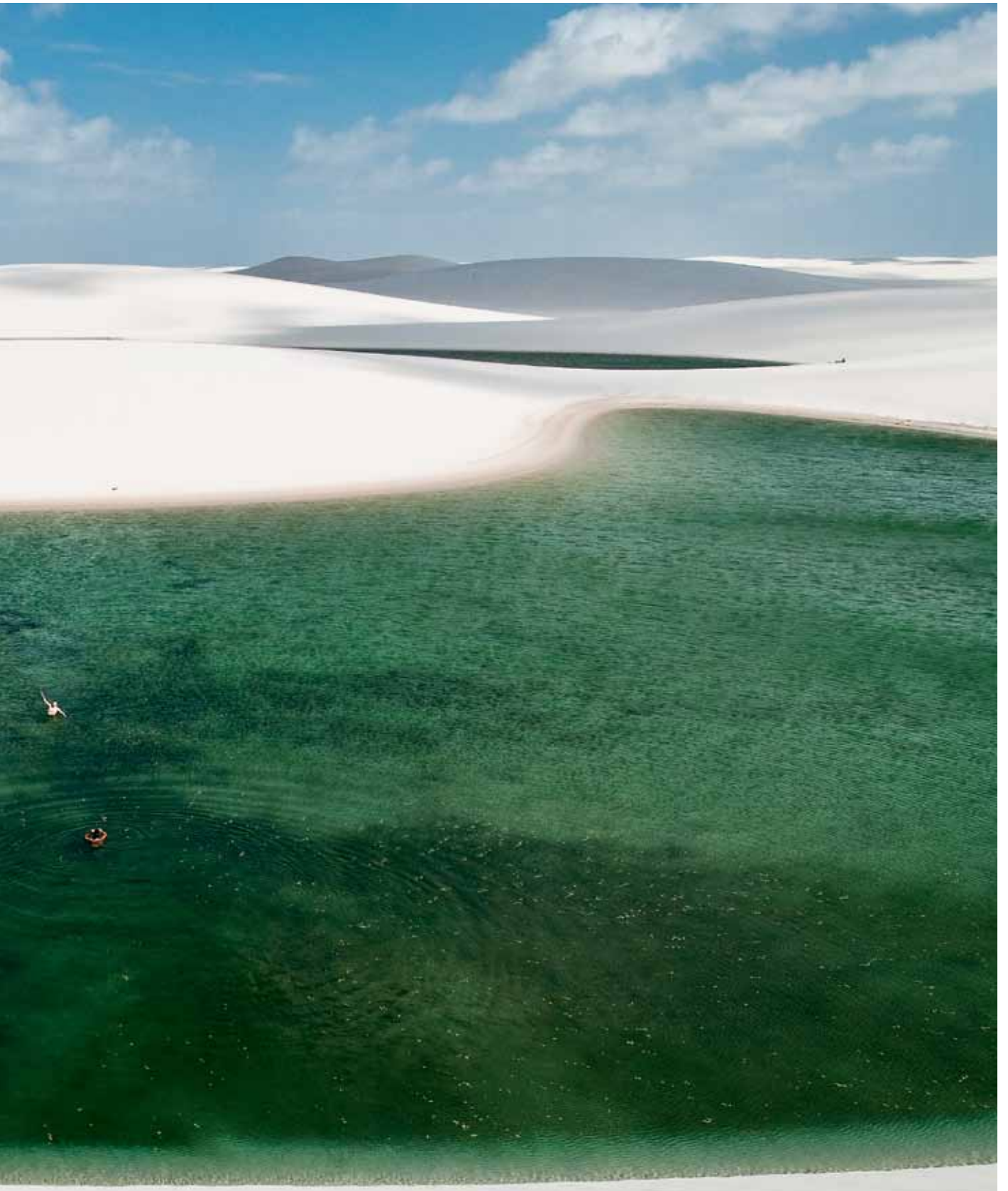
164 Lagoa no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA) | *Lake in Lençóis Maranhenses National Park (MA)*











**D**esertos em geral são fartos em miragens, mas em nenhum elas são tão reais quanto nos Lençóis Maranhenses. Durante uma boa parte do ano, há água de fato por trás de cada duna deste extenso areal a leste de São Luís. Água fresca, translúcida, de cores improváveis como azul-turquesa ou verde-esmeralda, tão perfeita que a mente ainda custa a crer que não se trata de um efeito óptico – dúvida que, obviamente, logo se dissipa no primeiro mergulho. Há que se lembrar que estamos no Brasil, e qualquer lugar em território nacional que porventura alguém resolva chamá-lo de deserto (palavra que nos soa tão estrangeira) jamais poderia sê-lo por inteiro. Pois bem: se deserto é, por definição, um lugar com baixa incidência de chuvas, é assim que devemos classificar os Lençóis Maranhenses durante a metade do ano. Nos outros meses, quando as nuvens equatoriais descarregam o aguaceiro próprio destas latitudes, este pedaço do Maranhão torna-se qualquer outra coisa, sabe-se lá o quê, jamais um deserto. Ou, no mínimo, um deserto onde as miragens são reais. Aí, já nomes nem importam. Apenas a contemplação grata e reverente.

*Deserts are, in general, teeming with mirages, but nowhere can they be as real as in the Lençóis Maranhenses. During a great deal of the year, there will, indeed, be water behind every dune of the broad sandy land, east of São Luís. Fresh clear water, bearing improbable colors such as turquoise-blue or emerald-green, so perfect it takes the mind some time to believe it is nothing else but an optical illusion – a doubt that will, obviously, dissipate as soon as you dive into it. We must remember that we are in Brazil, and any place in the national territory that, by any chance, is dubbed a desert (such foreign sounding word) could never truly be one. Oh, well: if, indeed, a desert is, by definition, a place with low incidence of rain, thus must the Lençóis Maranhenses be classified. At least during one half of the year. In the other months, when the equatorial clouds release the waterworks characteristic to such latitudes, this patch of Maranhão becomes anything other, but a desert. Or, at least, a desert where mirages can be real. By then, names do not matter. Just a thankful and contemplative reverence remains.*





Lençóis é uma denominação recente, dada na década de 1970 por técnicos da Petrobras que, ao sobrevoar a região, encontraram certa semelhança com panos brancos quando estendidos para secar ao sol. Para os moradores, essas sempre foram as “morrarias”, o que de certo modo traduz com mais certidão este lugar composto de vales e serras que, quando vistas ao rés do chão, dão a vaga impressão de se estar no meio de uma cordilheira de areia. Quem visita a região nos últimos meses do ano deve achar que se trata de fato de um deserto, pois, salvo a existência de algumas poucas lagoas perenes, o que se vê é um areal infinito que parece eliminar todo e qualquer rastro de humanidade.

Nesse ponto, os Lençóis Maranhenses seguem a lógica de outros desertos costeiros do planeta, cuja formação é resultado de um acordo entre os rios, os ventos e o mar. Aqui, tudo começa algumas centenas de quilômetros a leste, onde o Rio Parnaíba, conjurado com outros cursos

d’água menores como o Preguiças, despeja no Atlântico a areia que carrega do sertão. Quando os sedimentos encontram o oceano, no Delta do Parnaíba e em outros pontos da costa, logo pegam carona na corrente Sul Equatorial, que se encarrega de levá-los de volta para o litoral, distribuindo-os ao longo de uma faixa costeira que se estende por mais de 100 quilômetros. Os ventos alísios, soprando do Nordeste, terminam o serviço espalhando as areias continente adentro e desenhando dunas que em certas áreas alcançam 40 metros de altura. Esse ciclo vem se repetindo há pelo menos 12 mil anos. Durante esse tempo, as areias, brancas e finas como talco, já avançaram em torno de 50 quilômetros em direção ao interior. Em seu caminho, engoliram algumas centenas de casas, o aeroporto da cidade de Tutoia e uma vila inteira dos índios caetés.

Seria um deserto perfeito se, a partir de janeiro, a chuva não resolvesse desabar sobre o litoral do Maranhão, disposta a transformar



*Lençóis (bed sheets) is a recent denomination, given in the 70s by Petrobras technicians that, when flying over the region, saw a certain resemblance to white cloths hanging from clotheslines, drying in the sun. For the dwellers, those have always been “morrarias”, which, in a way, better translates the place made out of valleys and high hills that, when seen from the ground will give you a vague sensation of being among sandy mountain ridges. Whoever may come to the region at the end of the year will, in fact, think it is very much of a desert, since, except for the presence of a few perennial lagoons, what one will see is an infinite repetition of sandy hills which obliterate any trace of humanity.*

*At that point, the Lençóis Maranhenses will follow the logic of any other coastal desert of the planet, whose formation is the result of a common agreement between rivers, winds and the ocean. Here, everything starts at hundreds of kilometers to the east, where the Parnaíba River, along with*

*other smaller waterways, such as Preguiças, will pour the sand they have been carrying from the sertão (hinterland) right into the Atlantic. When the sediments meet the ocean, at the Parnaíba Delta and at other points along the coast, they will soon hitch a ride with the Southern Equatorial current, which will take them back to the shoreline, spreading them along a coastal strip that will stretch for over 100 kilometers. The trade winds, blowing from northeast, finish the job by spreading the sands into the mainland and drawing dunes that will reach as high as 40 meters at some points. The cycle has been repeating itself for at least 12 thousand years. During that time, the sands, white and fine like talcum powder, have advanced around 50 kilometers inland. On their way, they swathed a few hundred houses, the airport of a town, Tutoia, and a whole village of the caetés indians.*

*It would be the perfect desert if it were not for the rain that, from January onwards, will*

a paisagem em algo substancialmente diferente. No primeiro semestre do ano, durante os seis meses que os locais chamam de “inverno”, a precipitação média é da ordem de 1.200 milímetros – quando em outros desertos do mundo não passa de 250 milímetros anuais. É tanta chuva que, depois de certo tempo, o lençol freático oculto sob o areal começa a transbordar. A água aflora e se espalha pelos baixios entre as dunas, formando lagoas que podem chegar a até 90 metros de comprimento e 3 metros de profundidade. Em julho, os Lençóis Maranhenses alcançam o pico de sua beleza, quando cada concavidade entre as dunas, por menor que seja, está carregada de água.

Ainda mais insólito é o fato de que muitas dessas lagoas, além de tudo, são capazes de suportar um ecossistema inteiro, com direito a cardumes de peixes prateados proliferando nas águas turquesa. Mais do que uma miragem, isso parece um milagre, mas não é nada que a ciência não possa explicar. Nos meses de estiagem, vacas e cabras deixam suas fezes no fundo dos vales secos, que, com a chegada das chuvas, servirão de alimento às larvas depositadas pelos insetos. Essas larvas, por sua vez, atraem os peixes que vêm nadando desde o leito dos rios. Durante as chuvas, a água é tanta que as lagoas, por um tempo determinado, chegam a se comunicar com os rios, permitindo a passagem dos peixes. Só quando as dunas avançam e isolam as lagoas é que eles permanecem aprisionados, servindo de refeição para uma infinidade de aves marinhas.

Nem todas as lagoas secam durante a estiagem, sobretudo as maiores, o que permite certo montante de beleza nos Lençóis Maranhenses o ano todo. E existe ainda o Preguiças, o mais importante rio da região, curso de águas escuras e perenes que, após banhar a cidade de Barreirinhas, segue sinuoso em direção ao mar, cavando um vale verde povoado por manguezais e palmeiras como o buriti, a carnaúba e o babaçu. É o Rio Preguiças quem também divide em duas as morrarias da região. A oeste ficam os chamados Grandes Lençóis, uma vastidão de areia de 1.500 quilômetros quadrados transformada em 1981 no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. A leste, os Pequenos Lençóis, de extensão dez vezes menor, estão protegidos dentro de uma Área de Proteção Ambiental.

O Rio Preguiças, além de principal via de acesso, virou também endereço fixo para a maior parte da população local, que em suas margens ergueu vilas e cidades como Barreirinhas, a maior de todas, pouso e porta de entrada para viajantes do mundo inteiro. Rio abaixo, já perto da desembocadura, povoados como Mandacaru, Atins e Caburé ainda aprendem a manejar novidades recentes, como a chegada da luz elétrica e o afluxo cada vez maior de visitantes. Quem não vive do turismo depende dos recursos naturais, até que abundantes para uma zona de deserto. Aqui os moradores pescam, cultivam o caju, extraem a cera da carnaúba e fazem da palha do buriti lindas peças de artesanato.

Outros tantos, metidos no meio das morrarias, nem sequer a luz elétrica conhecem.

plummet onto the coast of Maranhão, willing and able to transform the landscape into something substantially different. In the first half of the year, during the six months the locals call “winter”, average precipitation amounts 1,200 millimeters – while in other deserts around the world it will not amount to more than 250 yearly millimeters. It is so much rain that, after a while, the water table hidden under the sands overflows. The water springs and spreads in the low lands between the sand dunes, forming lakes that can be as long as 90 meters and as deep as 3 meters. In July, the Lençóis Maranhenses reach the peak of their beauty, when the smallest concavity between the dunes is drowned in water.

What is even more unexpected is the fact that many of these lagoons are able to sustain a whole ecosystem, with schools of silver fish thriving in the turquoise waters. More than a mirage, it is more like a miracle, although nothing science cannot explain. In the months of drought, cows and goats deposit their droppings in the depth of the dried out valleys, which, with the coming of the rainy season, will feed the larvae, deposited there by insects. These larvae, on their turn, attract fish that swim up from the riverbed. During the rainy season, the water is such that the lakes, for some time, will connect to the rivers, allowing fish to swim through them. Only with the advance of the dunes, and the consequent isolation of the lakes, is that fish will be trapped, becoming the food for an unlimited number of marine birds.

Not all the lakes will dry out during the drought, especially the largest ones, which allows the Lençóis Maranhenses to display a certain amount of beauty all year long. And there is still the Preguiças, the most important river of the region, streaming dark and perennial waters that, after bathing the city of Barreirinhas, winds its way towards the ocean, digging a green valley, populated by mangroves and palm trees, such as the buriti, the carnaúba and the babaçu. It is the Preguiças River that also splits the hills of the region apart into two. To the west are the so-called Grandes Lençóis, a vast 1,500 square kilometer sandy stretch transformed into the Lençóis Maranhenses National Park in 1981. To the east, the Pequenos Lençóis, ten times less extensive, are protected inside an Environmental Protection Area.

The Preguiças river, besides being the main access, has also become the fixed address to great part of the local populace, that has built along its margins villages and towns such as Barreirinhas, the largest of them, resting place and entrance for travellers from all over the world. Down the river, near its mouth, settlements such as Mandacaru, Atins and Caburé are still learning to deal with the latest novelties, such as electricity and the ever growing flow of visitors. Whoever does not live off the tourism will depend on the natural resources, seemingly abundant for such desert zone. It is here the locals will fish, grow cashew nuts, extract the carnaúba wax and use the buriti straw to make beautiful hand crafted pieces.

Moram em casebres feitos com palha de buriti, cercados de dunas por todo lado e distantes de tudo, sem acesso por rio ou estrada. Para chegar à cidade mais próxima, precisam caminhar, em alguns casos, durante oito horas. Na maior parte do ano, pastoreiam rebanhos de cabras pelo areal, aproveitam-se dos cajueiros, dos buritis e das carnaúbas que crescem nos oásis e do chão fazem brotar, não sem certo esforço, lavouras de mandioca, milho e feijão. Com as chuvas, mudam-se para o litoral, onde instalam cabanas de palha e passam a temporada dedicando-se à pesca e à salga de peixes como o camarupim.

Calcula-se que existam em torno de 50 povoamentos dentro da área do parque nacional, totalizando pouco mais de 3.500 pessoas agrupadas em núcleos que variam de um punhado de famílias a uma vila inteira. Difícil precisar o número exato de aldeias e habitantes, ou mesmo seu lugar de pouso, pois essa gente vive em permanente movimento – seja pela busca dos recursos naturais, seja porque as dunas simplesmente avançam sobre as casas, obrigando seus moradores a mudarem de endereço. O maior desses lugarejos é a Queimada dos Britos, um oásis bem no centro do parque onde moram 90 pessoas e alguns milhares de cabras. Quase todos têm o mesmo sobrenome e algum parentesco com Manoel Brito, uma espécie de patriarca local que, quando vivo, diziam ser dono de mais de 500 cabras. Aqui, riqueza se mede assim: em número de cabras.

*So many others, embedded among the hills, barely know about electric light. They live in small huts made of buriti straw, surrounded by dunes from every side and far from everything, without any river or road access. In order to get to the nearest town, they will walk, in some cases, during eight hours. During most of the year, they shepherd hoards of goats through the sandy land, making use of the cashew nut trees, of the buritis and of the carnaúbas that grow in the oasis and manage to plant, not without a good measure of effort, manioc corn and bean crops. With the rain, they move to the coast, where they set up straw huts and spend the season fishing and salting fish, such as the camarupim.*

*It is estimated that some fifty settlements exist within the National Park area, totaling a little over 3,500 people grouped in communities that will vary from a few families to a whole village. It is hard to tell a precise number of villages and people, or even their resting place, since those people live in constant movement – be it in search for natural resources, be it because the dunes simply move over their houses, forcing the dwellers to move to a new address. The biggest of such places is the Queimada dos Britos, an oasis right in the center of the park, where ninety people and a few thousand goats live. Almost all bear the surname and some degree of relation to Manoel Brito, a kind of local patriarch who, when living, was said to be the owner of over five hundred goat heads. Here, one's wealth is measured like this: in number of goats.*

